

COLUNA

TRAVESTI PRETA NÃO É BAGUNÇA

Leandro Rodrigues Nascimento da Silva

Universidade, intelectualidade e travestis/trans pretas III: Jaqueline Gomes de Jesus

Caro/a leitor/a, este é o último texto da trilogia de escritos na qual me dediquei a pensar o espaço da universidade, suas intelectuais negras travestis e as relações e efeitos que são frutos desses encontros interligados por uma estrutura concêntrica, não livre de tensões, disputas e concessões. Neste escrito, quero trazer à baila a história de Jaqueline Gomes de Jesus, mulher trans, negra, professora na Baixada Fluminense, de um estabelecimento de ensino federal. Mas antes de propriamente adentrarmos à história biográfica da mulher transexual que aqui citei, cabe



Psicóloga Jaqueline Gomes de Jesus. Foto: Redes Sociais.

fazer alguns preâmbulos inextricáveis sobre a luta do movimento travesti e transexual contra a patologização de suas identidades, bem como a importância do Brasil ter em seus sistemas oficiais de ensino a presença de mulheres travestis e transexuais ocupando o lugar de professoras. Portanto, sigamos aos pormenores...

Na 72ª Assembleia Mundial da Saúde da Organização das Nações Unidas (ONU), que fora realizada em Genebra, definiu-se que a transexualidade não poderia mais ser considerada um transtorno mental, como antes constava na 10ª Classificação Internacional de Doenças (CID), a qual vigorava desde 1990. Na nova reformulação da CID, a transexualidade não ficou isenta de carga pejorativa e ainda figura como um caso de “incongruência de gênero”, que é quando uma pessoa não se identifica com o gênero que lhe foi atribuído ao nascer. Conceito que, na CID, diz respeito a “condições relacionadas à saúde sexual”.

A significância dessa nova classificação é controversa: por um lado podemos enxergar que a CID reconheceu que as pessoas transexuais – ou mesmo travestis – são indivíduos que carecem de apoio psicológico, e não mais psiquiátrico, no seu processo de transformação; mas também podemos entender, como ainda a transexualidade está na CID, que o caráter patologizante ainda é sólido e adensado por discursos de ódios. A transexualidade não pode ser encarada como uma “incongruência de gênero”, pois a incongruência reside na elaboração de um documento que classifica identidades LGBTIQA+ sem antes sequer ouvi-las, compreendê-las. Porém, se quisermos optar por compreender o documento como um facilitador de acesso à saúde dessa população específica a tratamentos hormonais, cirurgias etc., conseguiremos vislumbrar um caminho mais fértil, e invertido do que antes era.

Mas gostaria de propor neste texto que o lugar das mulheres trans e travestis não é na CID, também não é nas ruas – a não ser que seja uma escolha muito consciente da mulher trans/travesti –, não é no fundo da sala de aula escondida dos demais alunos, pois o lugar delas é em muitos bons outros lugares, e principalmente na universidade realizando pesquisas, questionando o senso comum, o lugar simples, os discursos elaborados com fundamentações político-religiosas que de nada servem senão para diminuir pessoas, demonizar amores, excluir corpos, segregar identidades, esvaziar potências. O lugar delas é no mesmo lugar que conseguiu chegar Jaqueline Gomes de Jesus! Jaqueline, mulher transexual, é psicóloga – sim, PSICÓLOGA –, É NEGRA, isso importa dizer em caixa alta, é pós-doutora pela Escola Superior de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas e atualmente é considerada a Rainha das Lives. Quando a pandemia iniciou, Jaqueline se viu obrigada a dialogar com pessoas, especialmente as de sua comunidade, a fim de poder ajudá-las, estender para elas e eles a mão, a escuta, e também poder levantá-los mediante uma boa palavra-amiga.

Para pôr em prática esse desejo, a psicóloga criou lives, que podem ser acompanhadas no seu Instagram, com variados temas que vão desde a história do movimento LGBTI no Brasil, com dois módulos, a lives que tratam da saúde mental em tempos de isolamento social. Nas lives também são abordados temas como utopia dos movimentos sociais e resistências, questões de Direitos Humanos e mulheres trans negras na Diáspora e na Academia. Essas são apenas algumas das produções da psicóloga, que também é professora no Instituto Federal do Rio de Janeiro. Mediante isso, eu fico me perguntando reincidentemente: será que uma psicóloga de carreira tão brilhante acha que a transexualidade ou as travestilidades é uma “incongruência de gênero”? Só saberemos se lermos os textos da professora Jaqueline. Só saberemos se assistirmos às lives dela. Aliás, cabe outra pergunta direcionada ao leitor, para que serve o exame de sangue? Espere! Deixa que eu respondo porque desandou um pouco da nossa conversa: normalmente para verificar se está tudo bem com a matriz extracelular líquida que o compõe. Quero dizer, de maneira mais facilitada, que o exame de sangue serve para verificar se está tudo em ordem com as plaquetas, o plasma, os leucócitos, as hemácias... – ufa! Que alívio saber que prestei muita atenção nas aulas de Ciência, ministradas pela

minha professora Fátima, na Escola Estadual Maria Helena Alarcão, em Corumbá, Nova Iguaçu.

Mais o que quero com isso? Quero lhe convidar a tirar um autoexame de sangue agora, ou melhor, um autoexame de substâncias textuais que você possui em suas veias, na sua filosofia de vida, no seu pão-de-cada-dia literário, científico. Quero lhe convidar a se autoexaminar sobre quantas autoras negras você conhece, sendo elas travestis e

transexuais no Brasil ou fora dele? Quantas lives nesta pandemia você assistiu dessas mulheres? Quantas amigas trans/travestis você tem no seu sangue- vizinhança? E no seu sangue-amigos-íntimos? Se não tens nenhuma, se não lestes nem UMA, muitíssimo cuidado: estás com anemia; estás embranquecido/a, jaz muito pálido/a; colonizado/a pelo vírus, talvez, chamado

Psicóloga Jaqueline Gomes de Jesus. Foto: Redes Sociais.



BOZOVÍD-17. Mas o remédio é simples e eficaz, basta uma dose de curiosidade-vontade porque sem ela não há descobertas que nos encantam e nos fascinam, nos animam para viver.



Leandro Rodrigues Nascimento da Silva

Mestrando em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ); Professor de Língua Portuguesa na instituição CIEP 026 São Vicente de Paula; Professor de Introdução à Arte Ocidental, na Escola de Artes da Baixada; Pesquisador de Educação e Saúde da população travesti, na Fundação Oswaldo Cruz; membro do Laboratório de Educação, Gênero e Sexualidades (LEGESEX-UFRRJ); membro do grupo de estudos em Gênero, Imagem, Discurso (GEIDIR-UFRRJ); pesquisador institucional da UFRRJ em manuscritos contemporâneos e genética da escrita de Carolina Maria de Jesus; membro da Comissão de Avaliação Própria (CPA) da UFRRJ.